



DISCUTINDO GYÖRGY KEPES

**ELTON CARDOSO SERAPIÃO / FÁBIO LOPES
ERICK BREDER / SAMANTA JOVANA**

Em discussões feitas em sala, coordenadas pelo professor Mário Santiago, da turma de sétimo período de design gráfico noturno e com base na leitura de *Os Textos Clássicos do Design Gráfico*, criou-se uma proposta de produção de texto para os alunos contendo a sua reflexão acerca da leitura do texto “A Função do Design Moderno”, de György Kepes.

A partir do conteúdo gerado, alguns textos foram selecionados para serem publicados nesta revista, com o objetivo de incentivar a reflexão sobre as ideias apresentadas. Pautando-se em um conceito de leitura mais lenta, os textos estão dispostos de modo que o leitor possa ler cada uma das contribuições na ordem que desejar, além de, ao mesmo tempo, comparar uns com os outros.

Elton Cardoso Serapião

Terminada a Segunda Guerra Mundial, teve início nos Estados Unidos uma “batalha para vender o modernismo ao público norte-americano”, sendo que parte do esforço foi engendrada pelos imigrantes europeus que trouxeram consigo os princípios do design moderno gestados pelos movimentos de vanguarda liderados pela Bauhaus e pela Escola de Ulm.

György Kepes emigrou para os Estados Unidos em 1937, onde voltou o olhar para questões ligadas ao design funcional, o qual, segundo ele, podia se beneficiar da fusão entre a arte e a tecnologia. O ensaio de Kepes, *A função no design moderno*, busca, portanto, refletir sobre “as exigências utilitárias do funcionalismo e os objetivos humanitários do design genuíno”, uma vez que o debate em torno de termos como design e função havia assumido lugar de destaque na segunda metade do século XX.

Ainda que lhe faltasse “a perspectiva que a distância permite”, uma vez que as batalhas em torno do tema estavam sendo travadas no ano em que o artigo foi escrito (1949), Kepes não desiste do desafio reflexivo e inicia o seu texto questionando a função no design e o propósito do design feito pelo homem, embora termos como função e propósito parecessem autoexplicativos e fossem empregados de maneira automática e acrítica. Para responder às indagações, pertinentes tanto no ano em que foram propostas quanto hoje, passados sessenta e quatro anos, Kepes recorre às palavras de Louis Sullivan, segundo o qual, em resumo, o design não existe pelo design, mas para atender às necessidades do ser humano, de modo que não deve haver “nenhuma resolução, tradição ou superstição (...) no caminho.”

Mais do que explicar em que consiste a função no design, Kepes propõe um modo de leitura da atividade projetual; ele acaba por refletir, pois, sobre a função do design, que é parte integrante da vida, devendo funcionar tendo em vista o ser humano, de modo que as escolhas de materiais, estruturas e formas se pautem no desenvolvimento do homem. Desse modo, “não se trata apenas de saber como, mas de saber por quê e saber o quê.”

Grande parte da argumentação de Kepes de destina à análise do design do livro, meio que viria a sofrer forte abalo depois do surgimento da televisão e diante da acentuação da cultura e produção de massa, fatores que, segundo o autor, também contribuíram para a deformação ou entorpecimento da sensibilidade e da harmonia emocional do homem. No cerne da discussão levantada por Kepes está, em síntese, a necessidade de se pensar o design de forma clara e íntegra, utilizando a tecnologia (e a arte) que temos à nossa disposição para conceber produtos que se ajustem aos propósitos humanos e que se integrem de maneira equilibrada e harmoniosa (sensorial, emocional e conceitualmente) às nossas vidas. Não se trata, portanto, de negligenciar as contribuições tradicionais para dar lugar à novidade, mas de utilizar o que o tradicional (a tradição) tem de autêntico e íntegro.

Erick Breder

Em seu texto, Kepes aborda de maneira crítica o emprego do funcionalismo no até então design moderno.

Para Kepes, o design genuíno deve ser pensado e projetado em prol do ser humano. Não apenas cumprindo funções básicas como, por exemplo, o projeto de uma cadeira que cumpra a função de servir adequadamente como um objeto para se sentar. Fica claro que o autor pensa na função além do mero uso. Pensa no conceito mais profundo do termo, onde a função do design está em proporcionar, de maneira harmoniosa, bem estar ao ser humano, contemplando as instâncias do corpo, das emoções e sensações.

Partindo deste ponto, fica evidente que o profissional de design, tem um papel muito mais abrangente do que o simples fato de atender ao apelo estético ou cumprir determinada função básica. O designer, ao executar determinado projeto, deve se colocar no lugar do usuário e neste modo pensar em todas as instâncias que de certo modo sofrerão influência de seu trabalho. Para György Kepes, o designer deve focar no indivíduo e não no seu bolso, pensamento este que compartilha, mas que atualmente parece ter sido deixado de lado por muitos. Basta pensarmos nos inúmeros produtos e serviços que dia após dia nos são oferecidos, com o único e tão somente intuito de gerar lucro a alguma organização. Produtos que, muitas vezes, em vez de proporcionar benefícios, têm contribuído para gerar outros problemas e novas preocupações ao homem. Quantos projetos gráficos são tão deficientes que, muitas vezes, não estão de acordo nem mesmo com as nossas necessidades mais básicas.

Como designers, temos o compromisso de trabalhar em prol do ser humano, realizando projetos focados em sua essência e que, portanto, proporcionem o seu bem-estar.

Fábio Lopes

György Kepes, designer húngaro, faz claramente no seu texto uma defesa do chamado funcionalismo – o projeto voltado para as necessidades últimas, sua real e prática finalidade. Para tanto, propõe quebras de paradigmas (ali chamados por ele de “Tradições” e “Superstições”), de modo a se chegar a um resultado projetual livre de “amarras” que o impeçam de simplesmente “Funcionar” – servir a um propósito prático, baseado nas necessidades reais do usuário.

Para Kepes, a continuidade das tradições projetuais seria um empecilho ao resultado funcional, limpo e utilitário. Adornos e elementos extras seriam, ainda segundo sua visão, detalhes que desviariam a atenção e a compreensão do usuário da real utilidade da função do item projetado/construído. Kepes, um genuíno exemplar de educador/pesquisador moldado pelos ideais da Bauhaus, deixa claro seu descontentamento com a forma rígida do design de livros, segundo ele “emperrada” pelo tradicionalismo.

Enfim, Kepes traduzia uma linguagem específica de seu tempo, a “novidade” de um suposto “funcionalismo” que se pretendia “ruptura” com o que julgava “antigo”, sinal de entrave cultural e técnico. Nada mais comum: movimentos de “Ruptura” estão sempre nascendo e renascendo. Mas o tempo provou que o ideal funcionalista em si só não era uma resposta projetual adequada a todos os males projetuais. Há no texto uma mensagem exagerada pela busca “insana” atrás deste fim que todo objeto, segundo as premissas funcionalistas, deveria atingir/exibir, limando de si qualquer outro traço extraordinário. Sempre existirão projetos específicos, para os quais não haverão fórmulas prontas, sejam elas funcionais, estéticas etc. A resposta não seria simplesmente reduzir tudo a uma simples solução prática (há apelos estéticos, sinestésicos e culturais que são sempre muito bem-vindos quando relacionados a um público / projeto específico).

Com isso, não se pode dizer que todas as ideias transmitidas no texto estejam datadas ou fora do nosso contexto, das nossas necessidades projetuais. A busca pela compreensão do ideal do projeto, e da necessidade do usuário não podem ser deixadas de lado – assim como também não podem ser ignoradas as necessidades psicológicas, culturais e os apelos visuais/gráficos/ sinestésicos que o afetam.

“A Função do Design Moderno” traduz bem uma forma de pensar de uma influente vertente da primeira metade do século XX. Apenas isso.

Samanta Jovana

O texto de György Kepes é um dos que mais me impressionou nessa coletânea. Nele, o autor discute a própria maneira como se chegou ao que hoje chamamos de design. Nascido a partir de uma necessidade industrial de formato de consumo e como ferramenta para este, continua funcionando, de muitas maneiras, como tal.

Entretanto é impensável que se continue fazendo design como antes. O design se aprofundou, metodológica e mercadologicamente, de forma a sobrepujar o que antes era esperado de si. Tendo sido construído como uma “ciência”, é impossível se raciocinar sobre uma “originalidade” do design como único. Fazer design hoje, assim como fazer design em qualquer outro tempo é criar um produto do meio para reinseri-lo neste meio.

Ao lado de outros textos que trabalhamos até então, o de Kepes também nos leva a encarar o fato de que, quando ingressamos na universidade, muitos de nós (e me incluo nesse grupo) não tínhamos ideia de seus objetivos em relação ao que viria desse aprendizado.

É interessante pensar sobre o que o autor questiona, ou seja, a função do design, que é entendido de maneira empírica e, claro, objetivamente (aquele design produto da indústria), mas tem, para estudantes da disciplina, tantos e tão diferentes significados. Recentemente, levei algumas questões como as que aqui são discutidas para uma mesa de bar, com outros amigos, designers, alguns graduados há anos, outros ainda na universidade e outros que acabaram de sair. O que notei é que, fora a função objetiva, todos temos visões diferentes do que o design representa. E note essa alteração de percepção em mim mesma, do momento que ingressei no curso até os dias de hoje. O amadurecimento nos faz ter uma percepção do que fazemos e de como isso é ou não necessário para a sociedade de uma maneira bem diversa.

Acredito que o autor peca, em seu texto, apenas pela formalidade com que vê o design. Não aquela formalidade imatura de quando ingressamos na universidade e achamos que o design tem uma potência centralizadora muito maior do que aquela que de fato tem, mas uma formalidade que acomete o profissional com muitos anos de mercado, que passa a dar àquilo que faz muito mais significado que o que de fato possui. Porém, corro o risco de estar falando bobagem. Talvez me falte ainda muito dessa maturidade que anteriormente tinha tanta certeza de ter. O fato é que, formalmente, por mais simples que pareça, “a função do design” acaba sendo a pergunta que há de nos perseguir por toda nossa carreira.